

EDUCAÇÃO E IDENTIDADE LATINO-AMERICANA A PARTIR DA REVISTA LA EDAD DE ORO DE JOSÉ MARTÍ

FÁBIO INÁCIO PEREIRA¹

RESUMO: O presente trabalho se propõe a análise do pensamento de José Martí (1835-1895) com relação ao futuro do homem cubano e, por extensão, do homem latino-americano, presente na revista La Edad de Oro, publicada em Nova Iorque, em suas quatro edições, entre julho e outubro de 1889. Para além do imediato dos trabalhos de organização da luta independentista cubana, José Martí pensou a formação do homem na América Latina, processo que passava, num primeiro momento, pelo que entendia ser o despertar da identidade latino-americana. Tal proposta postulava uma educação que teria como horizonte as principais nações de seu tempo e como parâmetro a própria identidade americana. Parte importante de seu projeto revela-se a partir da revista La Edad de Oro, por meio da qual falou às crianças sobre o passado e o presente de diversas nações do mundo, deixando transparecer seu ideal de homem e de sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: José Martí; La Edad de Oro; Educação; Identidade.

LATIN-AMERICAN IDENTITY AND EDUCATION IN JOSÉ MARTÍ'S LA EDAD DE ORO MAGAZINE

ABSTRACT: This study aims at analyzing José Martí's thought (1835-1895) in relation to the future Cuban men and, and consequently, the Latin-American men, shown in La Edad de Oro magazine, published in New York in its four editions from July to October, 1889. Beyond the immediateness of the work for organizing the Cuban independentista fight, José Martí thought on the men's formation in Latin America, a process they overpassed at a first moment by what he understood as the revival of the Latin-American identity. Such a proposal postulated an education that would have as the horizon the main nations of their time, and as the parameter, the american identity itself. Part of his project is revealed in La Edad de

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual em Maringá. Professor e Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade Unissa de Sarandi. Professor do Instituto Filosófico Arquidiocesano de Maringá. E-mail: ffabios@uol.com.br

Oro magazine, through which he talked to children on the past and present of several world nations, revealing his ideal of man and society.

KEY-WORDS: José Martí. La Edad de Oro. Education. Identity.

A preocupação de José Martí com a educação o revela um observador e crítico das questões educacionais nos países pelos quais passou, tanto no continente europeu quanto pelo americano. Para além do imediato dos trabalhos de organização da luta independentista cubana, José Martín pensou a formação do homem na América Latina, processo que passava, num primeiro momento, pelo que entendia ser o despertar da identidade latino-americana. A esse processo se seguia a instrumentalização do homem americano por meio do ensino dos referenciais culturais das principais nações desenvolvidas de seu tempo.

Essas idéias apresentam-se em sua obra e, em particular, na revista *La Edad de Oro*(2), publicação mensal que circulou pelo continente entre julho e outubro de 1889.

1 A PROPOSTA EDUCACIONAL DA REVISTA LA EDAD DE ORO

A partir de uma síntese das transformações que no plano teórico e prático se produziam no final do século XIX e do estudo da identidade latino-americana, José Martí pensou uma proposta educacional marcada pelos aspectos eufóricos cientificistas e positivistas do final daquele século.

Tendo em vista a precária situação em que se encontrava a educação na América Latina, José Martí convocou os principais líderes pelo continente para a ruptura com o modelo vigente por meio de um reforma, objetivando um novo sistema educacional.

En países ha de hacerse una revolución radical en la educación, si no les quiere ser siempre, como aún se ve ahora a algunos, irregulares, atrofiados y deformes, como el monstruo de Horacio: colosal la cabeza, inmenso el corazón, arrastrando lo pies flojos, secos y casi en hueso los brazos (MARTÍ, 1975, v. 8:279)

Tendo em vista as transformações que considerava imprescindíveis analisou e debateu diversos programas educacionais por meio de artigos publicados pela América Latina, fazendo críticas a determinadas práticas pedagógicas vigentes nesses países. Demonstrou insatisfação com o ensino formal, verbal, meramente informativo e desligado dos fatores concretos da vida. Dizia que as escolas eram “[...] meros talheres de

memorizar, donde languidecen los niños años sobre año en estériles delecteos, mapas y cuentas; donde se autoriza y ejerce los castigos corporales; donde el tiempo se consume en copiar palabras y enumerar montes y ríos;” (MARTÍ, 1975, v. 11:82).

Ao modelo, que entendia ultrapassado, atribuía o erro da formação de homens frios, torpes e sem interesse pelo conhecimento. Sua crítica apontava para a finalidade da educação: preparar o homem para a vida (MARTÍ, 1975, v. 11:82).

Caberia à educação responder pela formação dos homens latino-americanos dentro da concepção científica de mundo em que o desenvolvimento das capacidades intelectuais e físicas fosse garantido.

Convencido do papel que se cumpria possibilitando-se educação para todos, propunha que o processo independentista em Cuba, em particular, respondesse à extensão das oportunidades educacionais (MARTÍ, 1975, v. 8:288-292). Desse modo, a educação deveria estar ao alcance de toda a população. Em favor desta idéia, trouxe como exemplo as conquistas da educação popular na França, Suíça e na Alemanha, caminho que propunha ser seguido na América Latina..

Pero en los pueblos está la gran revolución. La educación popular acaba de salvar a Francia; yo la vi hace tres años, y auguré en forma segura, de muy pocos creída, su triunfo sobre cualquier nueva reacción. La reacción vini, y Francia ha triunfado.

La educación popular mantiene respetada en lo exterior, y en lo interior honrada, a la risueña Suiza.

La educación popular, maciza allí cuanto rencorosa, ha dado a Alemania su actual grande poder (MARTÍ, 1975, v. 7:155).

À educação caberia tarefa fundamental no crescimento da sociedade. Deste modo, concebia a escola como parte fundamental na constituição do ser humano, por meio da qual seria capaz de formar os homens de seu tempo segundo o mais avançado conhecimento de sua época.

Pero en los pueblos está la gran revolución. La educación popular acaba de salvar a Francia; yo la vi hace tres años, y auguré en forma segura, de muy pocos creída, su triunfo sobre cualquier nueva reacción. La reacción vini, y Francia ha triunfado.

La educación popular mantiene respetada en lo exterior, y en lo interior honrada, a la risueña Suiza.

La educación popular, maciza allí cuanto rencorosa, ha dado a Alemania su actual grande poder (MARTÍ, 1975, v. 7:155).

Saber leer es saber andar. Saber escribir es saber ascender. Pies, brazos, alas, todo esto ponen al hombre esos primeros humildísimos libros de la escuela. Luego, aderezado, va al espacio. Ve le mejor modo de sembrar, la reforma útil que hacer, el descubrimiento aplicable, la receta innovadora, la manera de hacer buena a la tierra mala; la historia de los héroes, los fútiles motivos de las guerras, los grandes resultados de la paz. Siémbrense química y agricultura, y se consecharán grandeza y riqueza. Una escuela es una fragua de espíritus; **¡ay de los pueblos sin escuela! ¡ay de los espíritus sin temple!** (MARTÍ, 1975, V. 7:156 grifo nosso).

Dessa forma, à escola estava o papel de instrumentalização do homem latino-americano, segundo as principais nações de seu tempo, onde já se dava o predomínio da ciência e da técnica (MARTÍ, 1975, V. 8:281).

Segundo essa concepção pedagógica caberia à escola um papel atualizador dos conhecimentos e principais avanços científicos produzidos pela humanidade.

Daí poder-se inferir o interesse do autor em transformar a América Latina por meio de um projeto progressista de sociedade, baseado nos princípios e referenciais de sua época. Entretanto, o primeiro passo do processo educativo deveria ser o de resgatar a dignidade do homem americano, por meio da valorização da sua identidade.

2 A IDENTIDADE LATINO-AMERICANA

Importa lembrar que a questão da identidade latino-americana é abordada de maneira recorrente em todo o período colonial, ganhando maior destaque, entretanto, a partir das lutas pela independência.

O próprio Simón Bolívar(3), que tentara pôr fim à dependência colonial e sonhara com a unidade da América Latina liberta de toda forma de dependência, se propõe este problema ao final de sua vida. No discurso no Congresso de Angostura(4), em 1819, afirmava:

Tenhamos presente que o nosso povo não é europeu, nem o americano do Norte, é antes, uma mescla de África e de Amé-rica, que é uma emanação da Europa; a própria Espanha deixa de ser Europa por seu sangue africano, por suas instituições e por seu caráter. É impossível definir com propriedade a que família humana pertencemos (BOLÍVAR, 1992:90)

O problema da identidade latino-americana preocupava Bolívar, que demonstra sua inquietação ante a idéia de não ser nem europeu nem índio, mas um tipo intermediário entre os nativos e os espanhóis, o que lhe chamava a atenção e o preocupava.

Nesta busca de construção de uma identidade observam-se, logo após a independência dos países na América Latina, posições contraditórias. A pergunta "quem somos?" era uma permanente fonte de debates entre os setores *criollos*, mesmo porque essas questões suscitavam o resgate e a consciência da situação de dependência e da forma inferiorizada como eram tratados.

A partir de fins do século XVIII, algumas décadas antes do início dos movimentos de emancipação política, observa-se a valorização do indígena americano, reconhecendo-se o seu valor como formador de grandes culturas, afirmando-se sua capacidade cultural e de autogoverno, o que levou *criollos* e mestiços a proporem, simultaneamente, o direito de promoverem a revolução, que significava a promoção da independência das colônias (BETHELL, 2001 :63).

Passado o período das revoltas coloniais, com a independência de quase todas os povos latino-americanos, um complexo de inferioridade renasce nas burguesias *criollas* perante a cultura européia. A América Latina devia modernizar-se e a nova classe dominante tomava como referência valores da cultura e civilização européia e norte-americana como ideal de sociedade, negando as tradições culturais latino-americanas. Daí iniciar-se um processo de ocidentalização cultural. Tendo como referência as civilizações mais desenvolvidas, sobretudo as européias, empreende-se todo esforço possível em agregar padrões modernos de administração, economia e cultura (HOBSBA WM, 2000: 177).

Dentro dessa perspectiva, o argentino Domingo Faustino Sarmiento(5) (1811-1888) proporá a civilização ante a barbárie. Apresentando como modelo aos países do Sul os Estados Unidos da América do Norte, queria que fôssemos os *yanques* do Sul.

Na segunda metade do século XIX o debate sobre a identidade latino-americana é recolocado na ordem do dia por José Martí. Para ele, esta problemática se colocava como ponto-chave do processo de formação do homem americano, tanto para a resistência quanto para o desenvolvimento dos povos latino-americanos.

Na vanguarda destes debates que procuravam integrar ambas as tendências, de Bolívar e Sarmiento, José Martí, em *Nuestra América*, publicado em janeiro de 1891, no periódico mexicano *El Partido Liberal*, combatia a tese de se pretender apagar a história latino-americana. Dizia:

Conocer es resolver. Conocer el país, y gobernarlo conforme al conocimiento, es el único modo de librarlo de tiranías. La universidad europea ha de ceder a la universidad americana. La historia de América, de los incas acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es nuestra. Nos es más necesaria. Los políticos nacionales han de reemplazar a los políticos exóticos. (MARTÍ, 1975, v. 6: 18).

José Martí partia da premissa que os latino-americanos tinham uma identidade própria e que era fundamental o reconhecimento dessa identidade por meio do estudo de suas características e peculiaridades históricas. Ele propunha a mudança de enfoque cultural e a valorização da identidade americana. Assim, era importante a consolidação definitiva da independência da América Latina, tanto a independência territorial como a independência econômica e, assim, cultural.

Segundo concebia, existiam dois povos na América, com características muito diversas, pelas origens, antecedentes e costumes, somente semelhantes na identidade humana fundamental.

Nos seus *Cuardemos de Apuntes* nº 1, em que estão recolhidos seus primeiros escritos, entre 1871 e 1874, ainda no período da Guerra dos Dez Anos, trata das diferenças entre a identidade latino-americana e a identidade norte-americana.

Los norteamericanos posponen a la utilidad el sentimiento. -
Nosotros posponemos ai sentimiento la utilidad.
Y si hay esta diferencia de organización, de vida, de ser, si ellos vendían mientras nosotros llorábamos, si nosotros reemplazamos su cabeza fría y calculadora por nuestra cabeza

imaginativa, y su corazón de algodón y de buques por un corazón tan especial, tan sensible, tan nuevo que sólo puede llamarse corazón cubano, ¿cómo queréis que nosotros nos legislemos por las leyes con que ellos se legislan? (MARTÍ, 1975, v. 21:15-16).

Nessas anotações, percebe-se um apelo patriótico do ainda jovem que lutava pela independência de sua terra e que conhecia o papel decisivo de se pensar o conceito de identidade nacional.

Imitemos. ¡No! - Copiemos. ¡No! - Es bueno, nos dicen. Es americano, decimos. - Creemos, porque tenemos necesidad de creer. Nuestra vida no se asemeja a la suya, ni debe en muchos puntos asemejarse. La sensibilidad entre nosotros es muy vehemente. La inteligencia es menos positiva, las costumbres son más puras ¿cómo con leyes iguales vamos a regir dos pueblos diferentes? Las leyes americanas han dado al Norte alto grado de prosperidad, y lo han elevado también al más alto grado de corrupción. Lo han metalificado para hacerlo próspero. ¡Maldita sea la prosperidad a tanta costa! (MARTÍ, 1975, v. 21: 15-6 grifo nosso)

Seu combate ao desprezo pelos povos latino-americanos tornou-se representativo de sua proposta de despertar da consciência e da identidade desse homem, assim como do caminho para uma nova formação.

José Martí rejeitava a dicotomia da "civilização" contra a "barbárie", como propusera Sarmiento, aceitando, porém, seu desejo desenvolvimentista, juntamente com o projeto nacionalista e americanista de Bolívar e dos setores *criollos* liberais de sua época. Nesse período, é reconhecidamente um dos primeiros, ou o primeiro dos pensadores a dar importância e relevo à cultura, especialmente literária, das raças autóctones da América (ZEA, 1995 :350). Segundo Juan Marinello, ele resolve a questão da "civilização" versus "barbárie" com uma saída integradora: voltar os olhos para os elementos positivos da realidade continental (*apud* ZEA, 1995:350).

Para José Martí, a conquista espanhola trouxera a destruição e a devastação

das culturas autóctones da América, o que fortaleceu a concepção racista da inferioridade dos indígenas, tomados historicamente como raça em estado bruto e distante do estágio de desenvolvimento da cultura européia.

Nesse sentido, o desafio do homem americano estaria em buscar sua identidade como forma de superação dessa inferioridade, pois a superioridade européia e norte-americana só seria técnica e científica (LEMOS; BARROS, 1994:5).

Assim sendo, fazia-se necessário superar essa limitação como caminho necessário à integração continental, o que explicava o seu constante apelo para a união dos povos latino-americanos:

Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos. Los que se enseñan los puños, como hermanos celosos, que quieren los dos la misma tierra, o el de casa chica, que le tiene envidia al de casa mejor, hen de encajar, de modo que sean una, las dos manos (MARTÍ, 1975, v. 6:15).

Em rigor, José Martí propunha a união conservando a autonomia e as particularidades de cada país para fazer frente às formas de sujeição e domínio. Desse modo, insistia que era a hora do reencontro entre as nações para marcharem unidas. Seguindo o projeto bolivariano, defendia a unidade das confederações latino-americanas, a formação de um bloco latino-americano que aos poucos fosse suprimindo as deficiências nacionais de cada país do subcontinente, para assim, posicionar-se como igual política e economicamente às grandes potências.

Para José Martí, o resgate do pensamento e da cultura latino-americana era fundamental para a identificação e, ao mesmo tempo, para a valorização do continente, uma vez que revelaria a sua identidade. Isso o levava a crer que tal processo conduziria o homem americano à ruptura com a situação de dependência em que se encontrava, o que, segundo postulava, se daria por um processo de transformações políticas e econômicas sustentadas por essa unidade.

Desse modo, seria papel das instituições de ensino e pesquisa, bem como da sociedade civil organizada, como ele mesmo se propõe na revista *La Edad de Oro*, estudar a história americana, não só para conhecê-la, mas também para

defrontar-se com seus problemas, pois somente se conhecida ela seria respeitada. Dever-se-ia buscar um caminho de análise a partir da própria América Latina, uma vez que os livros europeus ou norte-americanos não apresentavam a chave para a sua compreensão.

Insistia a todos do dever de conhecer com profundidade os elementos constitutivos de sua terra. Sua tese era que nenhum povo poderia fazer frente a suas dificuldades se não tivesse enraizado, em sua história, a memória de seus antepassados.

2.1 CULTURA E SOCIEDADE

A preocupação com uma nova sociedade latino-americana levou José Martí a estudar as bases socioculturais da humanidade em busca de referenciais para sua proposta de formação. O seu projeto se expressou por meio de conteúdos importantes da cultura americana e universal, com os quais pretendia despertar um espírito de amor pátrio nacional e continental.

À temática ligada a cultura e sociedade, responde com textos, publicados na revista *La Edad de Oro*, tais como: “Tres héroes”, “El Padre las Casas”, “Las ruínas indias”, “Historia del hombre, contada por sus casas”, “Historia de la chuchara y el tenedor” e “Um juego nuevo y otros viejos”.

No artigo “Tres héroes”, José Martí apresenta três fundadores de pátrias latino-americanas: Bolívar, San Martín(6) e Hidalgo(7). Apontando-os como modelo para o homem americano, enaltece características morais a serem preservadas, tais como coragem, honradez e solidariedade.

Esses importantes líderes consubstanciavam, importantes referenciais para a construção da identidade latino-americana e do sentimento americanista no subcontinente americano.

El corazón se llena de ternura al pensar en esos gigantes fundadores. Esos son héroes; los que pelean para hacer a los pueblos libres, o los que padecen en pobreza y desgracia por defender una gran verdad. Los que pelean por la ambición, por hacer esclavos a otros pueblos, por tener más mando, por quitarle a otro sus tierras, no son héroes, sino criminales (MARTÍ, 1975, v. 18:308).

O caráter intercontinental dos três líderes latino-americanos respaldava a idéia de unidade como caminho de construção dessa identidade; mas, sobretudo, aparecia como fator importante para que se tornasse possível atingir metas e cumprir deveres e sacrifícios para alcançar progresso econômico e independência política.

Os três exemplos apresentados tinham também a função de sustentar a tese e a possibilidade de uma ação conjunta da América Latina para reerguer-se, tendo como ponto de partida sua própria história.

Essa possibilidade era vislumbrada à medida que fossem assimilados esses referenciais concretos latino-americanos. O autor apostava na importância da história e do estudo dos exemplos nacionais e continentais para fomentar o orgulho e o espírito americanista.

Nessa mesma perspectiva, no texto "El Padre las Casas", José Martí fala de outro grande exemplo para o homem latino-americano, o padre espanhol pioneiro na defesa dos índios americanos, Bartolomé de las Casas(8). Nesse artigo, retrata a história do sacerdote e sua luta contra a escravização dos índios em debates tanto na América quanto na Espanha.

Nesse artigo, descreve as características da vida indígena quando da chegada dos conquistadores ibéricos. Passava em análise o comportamento colonizador europeu, apontando para o contraste dessa ação com relação à atitude de Las Casas em favor dos nativos (MARTÍ, 1975, v. 18:440-2).

Para José Martí, importava trazer a ação do padre espanhol em favor dos autóctones americanos. Pois era seu objetivo despertar no homem americano o direito historicamente defendido de autodeterminação, o que dava legitimidade também à ação independentista em Cuba.

Na segunda edição da revista, voltou a escrever sobre a vida indígena, no artigo "Las ruínas índias" faz a descrição das cidades dos primeiros habitantes da América, destruídas pelos conquistadores europeus. O artigo vem ilustrado com desenhos das ruínas dos grandes povos do continente (nahuatlés y mayas no México, chibchas na Colômbia, cumanaquitos na Venezuela, quéchuas no Peru, aimaras na Bolívia, charruas no Uruguai, araucanos no Chile), relacionando a cultura americana com os principais aspectos culturais da humanidade.

Com especial atenção, aponta para a criatividade na organização de suas sociedades, particularmente, na construção dos seus sistemas de governo, suas formas de expressão religiosa e artística, suas guerras, sua arquitetura, seus meios de sobrevivência e sua poesia (MARTÍ, 1975, v. 18:380).

Convida o leitor à apreciação cuidadosa do passado indígena e para o conhecimento necessário do processo europeu de colonização.

No habría poema más triste y hermoso que el que se puede sacar de la historia americana. No se puede leer sin ternura, y sin ver como flores y plumas por el aire, uno de esos buenos libros viejos forrados de pergamino, que hablan de la América de los indios, de sus ciudades y de sus fiestas, del mérito de sus artes y de la gracia de sus costumbres (MAR TI, 1975, v. 18:380).

Outro exemplo dessa sua proposta de estudo histórico-cultural foi o artigo, “La historia del hombre contada por sus casas” em que utiliza as 44 gravuras das construções expostas pelo arquiteto francês Charles Garnier, na Exposição de Paris, as quais representavam as habitações humanas desde a pré-história até o período contemporâneo.

A partir desse material, apresenta de forma sintética a formação e o desenvolvimento cultural da humanidade.

Com riqueza de detalhes, no decorrer do artigo, vai tratando dos aspectos culturais de povos de todos os continentes, deixando transparecer que, apesar das diferenças culturais, os homens são os mesmos em todos os lugares.

Estudiando se aprende eso: que el hombre es el mismo en todas partes, y aparece y crece de la misma manera, y hace y piensa las mismas cosas, sin más diferencia que la de la tierra en que vive, porque el hombre que nace en tierra de árboles y de flores piensa más en la hermosura y el adorno, y tiene más cosas que decir, que el que nace en una tierra fría, donde ve el cielo oscuro y su cueva en la roca. Y otra cosa se aprende, y es que donde nace el hombre salvaje, sin saber que hay ya pueblos en el mundo, empieza a vivir lo mismo que vivieron los hombres de hace miles de años (MARTÍ, 1975, v. 18:357).

Outro propósito era demonstrar o processo de construção das habitações segundo as condições físicas e climáticas de cada região do planeta. E pelo método comparativo, conclui que os homens vivem quase do mesmo modo em todas as partes do mundo (MARTÍ, 1975, v. 18:361).

Ahora todos los pueblos del mundo se conocen mejor y se visitan: y en cada pueblo hay su modo de fabricar, según haya frío o calor, o sean de una raza o de otra; pero lo que parece nuevo en las ciudades no es su manera de hacer casas, sino que en cada ciudad hay casas moras, y griegas, y góticas, y bizantinas, y japonesas, como si empezara el tiempo feliz en que los hombres se tratan como amigos, y se van juntando (MARTÍ, 1975, v. 18:371).

Ao apontar para as diferenças das habitações dos homens, deixa transparecer seu fascínio pela capacidade humana de produzir cultura, particularmente a cultura material de algumas civilizações, as quais entendia ser preciso dar a conhecer aos povos da América Latina.

Nessa mesma perspectiva, no artigo, "Historia de la cuchara y el tenedor", explica todo o processo de produção da colher e do garfo. Contando a história da colher e do garfo, expõe o desenvolvimento da técnica de produção desses utensílios, o que provocou o aumento da sua capacidade produtiva. Explicando, ainda, a sua inserção no espaço anteriormente ocupado pelo trabalho manual: "[...] y hay taller que hace al día cuatrocientos docenas de cubiertos, y tiene como más de mil trabajadores: y muchos son mujeres, que hacen mejor que el hombre todas las cosas de finura y elegancia" (MARTÍ, 1975, v. 18:472).

A partir desse gancho, traz informações culturais dos países em que a indústria apresentava uma forte utilização das máquinas. Apresenta também um princípio que deveria servir de referencial para as nações latino-americanas: o homem não deveria descansar até que entendesse tudo o que visse e tocasse.

Y no es que uno no quiere saber; porque la verdad es que da vergüenza ver algo y no entenderlo, y el hombre no ha de descansar hasta que no entienda todo lo que ve [. . .] Y la vida no es difícil de entender tampoco. Cuando uno sabe para lo que sirve todo lo que da la tierra, y sabe lo que han hecho los hombres en el mundo, siente uno deseos de hacer más que ellos todavía: y eso es la vida (MARTÍ, 1975, v. 18:471).

Para ele, a atividade produtora do homem somada a sua capacidade de conhecimento lhe conferia vida. Quanto mais os homens conhecessem as grandes invenções e criações humanas mais lhe despertaria o interesse e a criatividade. Conclui que a dinâmica do homem era a dinâmica do homem do trabalho.

No artigo “Un juego nuevo y otros viejos” fica expresso o direcionamento principal da revista, o público infantil. A partir dessa temática, resgata diversos jogos e brincadeiras de vários povos, retomando sua origem e sua história.

Los hombres de todos los países, blancos o negros, japoneses o indios, necesitan hacer algo hermoso y atrevido, algo de peligro y movimiento, como esa danza del palo de los negros de Nueva Zelandia. En Nueva Zelandia hay mucho calor, y los negros de allí son hombres de cuerpo arrogante, como los que andan mucho a pie, y gente brava, que pelea por su tierra tan bien como danza en el palo. Ellos suben y bajan por las cuerdas, y se van enroscando hasta que la cuerda está a la mitad, y luego se dejan caer. Echan la cuerda a volar, lo mismo que un columpio, y se sujetan de una mano, de los dientes, de un pie, de la rodilla. Rebotan contra el palo, como si fueran pelotas. Se gritan unos a otros y se abrazan (MARTÍ, 1975, v. 18:340-2).

Também aqui, o autor quer levar as crianças americanas, por meio dos jogos e brincadeiras, ao contato com outras culturas e, dessa forma, aproximá-las daquilo de que se ocupavam as crianças norte-americanas, francesas e inglesas.

Pelo que se pode apreender, o seu interesse era formar o homem americano transmitindo-lhe os conteúdos histórico-culturais que o precederam, contudo, a base de toda educação deveria ser científica.

O conjunto desses aspectos é tratado por José Martí objetivamente, como referencial para o homem americano. Sua proposta de formação, a partir de um ideal de cultura e sociedade, de maneira particular, operava a fusão entre o conteúdo da tradição e o que de mais contemporâneo existia.

Segundo postulava, a educação necessária para os povos latino-americanos era aquela organizada sobre a base das novas técnicas e ofícios da indústria nascente (HERNÁNDEZ, 2002:8); no entanto, o modelo de ensino praticado no continente ainda estava profundamente marcado pelo método escolástico.

Nesse sentido, José Martí defendia a idéia de mudança e adaptação das escolas e da educação às necessidades dos indivíduos, para a sua sobrevivência no dinamismo dos tempos modernos.

Foi determinante para essas idéias, de modo particular, o período de sua estada em Nova Iorque, o qual contribuiu para consolidar suas idéias pedagógicas, que tinham em vista a mudança das características das escolas e de suas pedagogias. Tais transformações eram o “fermento” para o progresso e as mudanças que viriam com a sociedade industrial, técnica e científica.

Dessa época estão datados seus principais textos que advertem da situação de atraso em que se encontravam os sistemas educacionais dos países latino-americanos, dando por exemplo os sistemas dinâmicos dos países industrializados, particularmente, dos Estados Unidos.

Seguindo a tradição desses países, assim como demais pensadores progressistas do final do século XIX, acreditava no poder transformador da razão como meio de resolver os grandes problemas latino-americanos (ROSSI, 1981: 147).

Com relação ao trabalho, que na América Latina era predominantemente agrícola, apontava para a tarefa de ensinar ao homem do campo as novas técnicas de cultivo existentes. Lamentava a condição rudimentar em que se encontrava esse setor produtivo nos países latino-americanos. Desse modo, propôs a formação de professores para serem colocados a serviço da mudança de concepção de vida e de ideais dessa classe trabalhadora. Com essa finalidade, chamou a atenção para a formação de professores ambulantes que pudessem levar ao trabalhador no campo novos conceitos e técnicas modernas de produção.

Essas questões estão expressas em pelo menos dois de seus artigos: na terceira edição da revista *La Edad de Oro*: “La Exposición de París”; e na quarta edição: “La Galería de las Máquinas”.

Nesses artigos, deixa transparecer seu interesse em relação às novidades do mundo moderno, as quais procura descrever em detalhes na revista *La Edad de Oro*.

Interessava a José Martí, mais que divulgar as novas idéias, entender o mecanismo produtivo e o processo de organização do trabalho, segundo os novos estágios produtivos das indústrias nos países desenvolvidos.

Para inserir o homem latino-americano rapidamente neste universo, José Martí defendia o ensino prático e público. Desde o ensino elementar propunha o contato das crianças com o trabalho manual e experimental (MARTÍ, 1975, v. 18:278). Mesmo porque o processo de autonomia e independência de qualquer país no final daquele século estava ligado à sua capacidade de modernização industrial e cultural – tarefa

que apontava com uma ressalva, metaforicamente, (MARTÍ, 1975, v. 6: 18): “Injértese en nuestras repúblicas el mundo; pero el tronco há de ser el de nuestras repúblicas.”

NOTAS

1. O brasileiro Aaron Da Costa Gómez foi quem selecionou seu nome. A expressão estava diretamente relacionada com a divisão em idades segundo a mitologia greco-romana, onde se denominava “La Edad de Oro”, em referência a uma etapa bela da história, em que a humanidade era idea]mente feliz, próspera e inocente.

2. Simón Bolívar (1783-1830) nasceu em Caracas. Conhecido como El Libertador, liderou a partir de Nova Granada a resistência aos exércitos espanhóis que pretendiam pacificar a colônia espanhola em face das lutas pela autonomia que se desenvolveram na primeira década do século XIX. Suas atividades militares resultam na libertação da Colômbia, Venezuela e Equador. No Sul do continente a libertação da Argentina, do Chile e do Peru é liderada por José San Martín. Os dois líderes se encontram em 1822 em Guayaquil, no Equador. Com acordo, Bolívar passa a comandar o exército de libertação, que será vitorioso em Ayacucho em dezembro de 1824, terminando, assim, o período de dominação espanhola sobre a América.

3. Neste Congresso, Simon Bolívar estabeleceu um governo constitucional em que se formulava a unidade da nova República da Grã-Colômbia.

4. Líder político e reformador da educação, entre 1868 e 1874, período em que governou a Argentina.

5. José de San Martín (1778-1850), argentino, era membro da aristocracia crioula. Chamado o Protetor, teve um importante papel na proclamação da independência das Províncias Unidas do Prata, em 1816.

6. Miguel Hidalgo (1753-1811), sacerdote mexicano, juntamente com o Padre Morellos, teve um papel decisivo para o início do movimento que levou à independência do México, em 1821.

7. Bartolomé de las Casas (1475-1566), religioso e escritor espanhol, foi autor de numerosos livros, onde procurou narrar com detalhes o processo de conquista espanhola na América. Particularmente, conseguiu duas vitórias, que se transformaram em leis, promulgadas em 1542, as leis que praticamente acabaram com o sistema das “encomiendas”, e as leis jurídicas que garantiram a vitória legal de Las Casas sobre Juan Gines de Sepúlveda, defensor da “servidão natural” dos índios da América (LAS CASAS, 1985:16).

REFERÊNCIAS

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: da Independência até 1870. V. III*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado; Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

BOLÍVAR, Simón. *Escritos políticos*. Tradução: Jacques M. Brand e Josely Baptista. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

HERNÁNDEZ, Olga L. M. *La filosofía de la educación en Cuba: sus orígenes*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vdletras4/olga.htm> Acesso em: 09 mar. 2002.

HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital (1848-1875)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *Brevíssima Relação da Destruição das Índias - O Paraíso Destruido*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

LEMONS, Maria T. T. B. e BARROS, José Flávio P. de (Orgs). *Reflexões sobre José Martí* Rio de Janeiro: PROEALC, 1994.

MARTÍ, José. *Obras Completas*. 27 v. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

_____. *Ideário Pedagógico*. Selección e Introducción de Hermínio Almendros. 2. ed. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

ROSSI, Wagner G *Pedagogia do trabalho: raízes da educação socialista*. v. 1. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

SARMIENTO, Domingo F. *Facundo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/ EDIPUCRS, 1996.

ZEA, Leopoldo (comp.). *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. v. 1. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.